

O MEDALHÃO QUE SABIA JAVANÊS: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE MACHADO DE ASSIS E LIMA BARRETO

O fato de Machado de Assis e Lima Barreto terem sido ambos mulatos, escritores de origem humilde e testemunhas atentas das mesmas paisagens e situações de um Rio de Janeiro em transformação, convida a constantes comparações. Não menos comuns são as menções a estereótipos contrastantes. Por um lado, louva-se Machado por sua escrita elegante e apuro linguístico, ao passo que se atribui a Lima Barreto a má fama de escritor desleixado e indiferente à forma. Enquanto Machado foi reconhecido como grande escritor ainda em vida, Lima Barreto permaneceu na obscuridade até o trabalho de resgate de sua obra, realizado por Francisco de Assis Barbosa, já nos anos 1950.

São, sem dúvida, muitos os paralelos possíveis entre os autores. Não necessariamente por suas características étnicas nem pelo simples contraste de estilos literários e de destinos, mas sobretudo por que ambos viveram em grande parte o mesmo momento histórico e manifestaram-se, cada um a seu modo, diante dos acontecimentos políticos que buscavam forjar no país um sentimento coletivo de "estado-nação moderno". A matéria-prima de suas obras, portanto, acaba em muitos casos coincidindo. Entretanto, é fato que a contemporaneidade em si mesma não representa motivo o bastante para lhes conferir similaridade. Embora Nicolau Sevcenko afirme que, naquele período, "[o]s fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir",¹ muitos outros escritores, que presenciaram as mesmas angústias do fim de século no Brasil, jamais conseguiram (ou mesmo tentaram) representá-las de forma crítica em sua literatura, como o fizeram Machado de Assis e Lima Barreto. Ao

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 237.

contrário, para os que não se renderam ao naturalismo sem meios-tons, a ideia geral era criar a ilusão de uma *belle époque* tropical.

Para fugir à tentação de generalizações fáceis, neste ensaio proponho-me analisar e comparar um conto de cada autor, "Teoria do medalhão" (1882), de Machado de Assis, e "O Homem que Sabia Javanês" (1911), de Lima Barreto. Minha análise tem o propósito de identificar, sob abordagens e argumentos tão distintos, uma mesma preocupação, ou uma crítica de valores que simultaneamente os aproxima e os distingue. Proximidade e distinção, por mais que soem paradoxais, se explicam. Na medida em que a ironia, o humor, o ritmo de cada narrativa e o desenvolvimento dos personagens são resultantes de estéticas marcadamente pessoais e, portanto, díspares, a percepção de ambos os autores em contraposição aos paradigmas que imperavam na época é o elemento que os torna antes complementares do que antagonistas. Juntas, as leituras de seus trabalhos oferecem interpretações históricas reveladoras e instrutivas sobre seu tempo e, sobretudo, sobre os mecanismos de sobrevivência e ascensão num ambiente cuja hipocrisia se incorporava à filigrana da vida social. É especialmente sob este aspecto que a comparação a seguir almeja se apresentar como relevante e produtiva.

Teoria do medalhão

Segundo Antonio Candido: "[Machado de Assis] recobria seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade".² A "universalidade" de Machado, aliás, foi alvo de crítica e de louvor. Enquanto para uns sua ironia "no tratamento da cor local" parecia desdém às coisas nacionais, a outros, sua temática abrangente o distinguia no acanhado cenário literário da época: "[O] universalismo é de fato uma componente da literatura machadiana. Esta, entre outras fontes, se inspirava na psicologia dos moralistas franceses do século XVII, voltada para a natureza humana, dita geral, e

² CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 18.

também na recente curiosidade 'clínica' pelo funcionamento psíquico e pelos seus aspectos inconscientes."³

O conto em questão é prova irrefutável dessa capacidade, ao sugerir uma análise psicológica que se pode aplicar a outros cenários, que não o nacional, mas é, também, exemplar da habilidade de Machado em referir-se à sociedade brasileira de seu tempo, sob a proteção dessa amplitude de visão de "homem de seu tempo" que ele representava.⁴

"Teoria do medalhão" consiste de um diálogo entre pai e filho, chamado no texto simplesmente Janjão, na noite do aniversário deste. O pai aconselha o filho, que apesar de jovem já possui um "diploma", a tirar o máximo de vantagens de todas as suas possibilidades e privilégios: "Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum."⁵ O que ao princípio poderia soar como singelas sugestões paternas a um filho no momento de escolher a melhor carreira a seguir, logo se transforma num minimanual muito ao gosto de Maquiavel, pois, em vez de sugerir ao filho um ofício convencional, o pai aconselha: "Nenhum [ofício] me parece mais útil e cabido que o de medalhão."⁶ Ele, então, passa a descrever o comportamento ideal que o filho deve adotar a fim de tornar-se um medalhão e, sobretudo, enfatiza que tipo de ideias *não* expressar para que seja bem-sucedido em tal empresa. Tudo cuidadosamente calculado. Em uma das passagens mais representativas do conto, o pai ensina:

Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando por exemplo ser um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos

³ SCHWARZ, Roberto. Ideias fora do lugar. In:_____. *Ao vencedor as batatas*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 167.

⁴ Machado tinha consciência dessa postura literária, a julgar por sua afirmação em seu famoso artigo: "Instinto de nacionalidade". Apesar de concordar que uma literatura nascente deva se alimentar "dos assuntos que lhe oferece a sua região", pede que não se estabeleçam doutrinas empobrecedoras: "O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço". (Obras Completas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1957. v. 29, p. 135).

⁵ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1, p. 328.

⁶ Idem, p.329.

da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se com violência, abafá-las, escondê-las até a morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.⁷

Para Faoro, essa "metafísica política" da qual trata Machado nesse conto, assim como em vários outros trabalhos, incluindo *Memórias póstumas de Brás Cubas*, diz muito sobre o que se passava no Brasil que o escritor testemunhou:

Este é o quadro do idealismo do Segundo Reinado, com suas feições sociais e psicológicas. Muito amor verbal aos princípios, louvores às cousas abstratas, que, traduzidas na realidade do dia, revelam-se incapazes de ação [...] A política, mascarada de palavras, revela-se a arte dos mais espertos, capazes de manusear as ideias sonoras para apoderar-se das posições, do comando.⁸

É exatamente essa "arte dos mais espertos" a que se refere Faoro o que parece ser a tônica do conto em questão; é essa "arte" o "dom" que o pai tenta despertar no filho, futuro medalhão. A sintonia de Machado com o discurso oitocentista mais uma vez prova-se finíssima, mas jamais subserviente. Ele ironiza a apropriação do ideário "moderno" importado aos pensadores europeus pelas classes sociais no poder no Brasil e por meio de tal ironia denuncia simultaneamente sua subutilização e seu mero valor ornamental:

Condeno a aplicação [dos processos modernos], louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo.⁹

Machado de Assis, portanto, reconhece a prevalência da retórica vazia nas relações sociais e políticas do Brasil pré e pós-República, e se dedica a estudar e expor

⁷ Idem, p. 330.

⁸ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis – a pirâmide e o trapézio*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2001. p. 188.

⁹ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, cit., p. 333.

sua estrutura, sua mecânica, suas "regras internas", seus modelos estruturais. Enquanto em "Teoria do medalhão" as estratégias são reveladas de maneira irônica, mas bastante explícita, em outros de seus trabalhos essa demonstração da retórica ornamental, exibida como um atributo fundamental no processo de ascensão social, é mais sutil e sofisticada. Em muitos casos tal sutileza tem levado críticos e leitores a questionarem suas reais intenções, como, por exemplo, em *Dom Casmurro* (1899). Na obra mestra, o texto em si mesmo demonstra os poderes da retórica patriarcal ao transformar opiniões em fatos, suposições, em verdades absolutas. Como defendeu Silviano Santiago, não seria mero acaso o fato de Bentinho ser um advogado, um profissional do discurso e das artimanhas retóricas, "mais ligado à arte de escrever, de persuadir e de julgar os outros".¹⁰ Em pleno momento de efervescência das ideias realistas-naturalistas na literatura, *Dom Casmurro* seria um sobrevivente do discurso romântico em meio à nova ordem a jogar com a "realidade". Como representante de uma classe social, Bento Santiago é o seu discurso.

Conforme afirma o pai do conto "Teoria do medalhão": "[...] o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário."¹¹ A palavra como ornamento, portanto, sinalizava total falta de compromisso com o significado. Sua sonoridade, seu aspecto empolado serviam tão somente como recurso, eram o código de acesso a um patamar social elevado. As palavras devem terminar em si mesmas, em sua estilística, em seu efeito imediato, não se vinculando a nenhuma ideia de fato, como reforça o pai: "Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhes somente a utilidade do *scibboleth* bíblico."¹² Segundo Holanda resumiria:

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo [...], mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à

¹⁰ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 33.

¹¹ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, cit., p. 335.

¹² Idem, p. 336.

expressão rara [...]. [I]nteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e ação.¹³

Neste sentido, Machado também não esquece de aludir ao uso das figuras de linguagem como instrumento essencial e parte das obrigações do medalhão, e mais propriamente trata daquelas que o jovem deveria evitar a todo custo:

Somente não debes empregar a ironia, esse movimento do canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arreentar de riso os suspensórios.¹⁴

Não por acaso, a passagem acima, da mesma maneira que o conto como um todo, é um ótimo exemplo da ironia machadiana, o recurso que deve a todo custo ser banido do arsenal do "bom medalhão". Mas, como bem nota Alcides Villaça, apesar da indiscutível "ação irônica" do texto, "ela está longe de se resolver em uma apreciação mecânica". Tomar seriamente os ensinamentos do pai seria identificar-se com a passividade do futuro medalhão Janjão, ao passo que recusá-los seria, por outro lado, negar o "lastro de realidade" denunciado no conto. Villaça explica:

Parece que Machado nos obriga, aqui como sempre, a trilhar uma terceira via, muito própria dele, na qual a estabilização do sentido é quase impossível, dada a mescla, em tom de descompromisso entre o avanço do humor e a implacabilidade da análise.¹⁵

Seja como for, Machado exercia o humor em via contrária à chalaça recomendável ao medalhão. Talvez por isso, também, provocasse reações irritadas de Silvio Romero, um de seus mais ácidos críticos. Ao distingui-lo do riso, na opinião de

¹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 83.

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, cit., p. 337.

¹⁵ VILLAÇA, Alcides. Janjão e Maquiavel: a teoria do medalhão. In: GUIDIN, Lígia et alii (Orgs.). *Machado de Assis – ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 45.

Romero o que "nos é mais familiar",¹⁶ Machado de certa forma apresenta a si mesmo como representante de uma qualidade estranha ao brasileiro: "O temperamento, a psicologia do notável brasileiro, não são os mais próprios para produzir humor, essa particularíssima feição da índole de certos povos. Nossa raça em geral é incapaz de o produzir espontaneamente".¹⁷ A julgar pela definição implacável de Romero, tudo em contrário dessa idiosincrasia seria de fato "impróprio" para um literato nacional.

Humor à parte, retornando a Santiago, a verossimilhança é mais importante do que a verdade na teoria do medalhão, tanto quanto prega a retórica identificada pelo crítico em *Dom Casmurro*: "O convencimento não é feito com a esperança de que o leitor evolua seu modo de pensar, ou de encarar os problemas, mas pelo fato de lhe propor como base para seu julgamento aquilo mesmo que já possui: o bom senso".¹⁸ Ao reconhecer um suposto senso comum, ou bom senso, na base dos argumentos do personagem, um público contemporâneo ao conto talvez legitimasse o papel do medalhão dentro da pragmática sociedade descrita pelo narrador machadiano. Não teria necessariamente de refletir sobre nenhuma ideia nova nem precisaria exercer crítica ou análise. Por meio da "teoria", esse suposto leitorado confirmaria apenas aquilo que via como moeda de troca nas interações sociais cotidianas, que testemunhava e na qual se inseria.

Nesse conto, portanto, ainda que lidando potencialmente com mais de um tipo padrão de leitor, Machado traça o Rio de Janeiro de fim de século como uma Florença maquiavélica, regida por "regras" muito particulares. "Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli",¹⁹ afirma o pai a seu filho.

O homem que sabia javanês

Talvez um dos melhores contos de Lima Barreto, "O homem que sabia javanês" fala da trajetória de um cônsul que chegou à posição fazendo crer a todos que sabia falar javanês. Mais que isso, logrou ser tomado como um *expert* na literatura de

¹⁶ ROMERO, Sílvio. *Autores brasileiros*. Edição Comemorativa. Organização de Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Universidade Federal de Sergipe, 2002. p. 218.

¹⁷ Idem, p. 212.

¹⁸ SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, cit., p. 37.

¹⁹ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, cit., p. 337.

Java e por conta desse inusitado conhecimento ascende socialmente de forma meteórica. Como em "Teoria do medalhão", o autor optou pelo formato do "diálogo", embora, como no primeiro caso, a narrativa lembre mais um monólogo, visto que as interferências do interlocutor são mínimas e sobretudo com a função de dar continuidade ao discurso do narrador.

Em uma situação financeira difícil, o narrador-personagem se decide, por desespero de causa, a se passar por professor de javanês e responde a um anúncio de jornal que procurava um profissional desse tipo. Embora nada soubesse da língua, aprendeu o alfabeto e algumas poucas palavras em javanês, o bastante para simular certo conhecimento e impressionar seu "aluno" que, como o leitor comprova mais tarde, desconhecia totalmente o idioma. Em um ambiente em que o javanês era absolutamente ignorado, seu estratagema não somente funciona como faz dele uma celebridade no assunto.

Por meio da manipulação e de atitudes bem calculadas, Castelo, o pretenso professor de javanês, ganha respeitabilidade, reconhecimento público e atinge altos cargos com direito a regalias especiais, como viajar a Europa para representar o Brasil num congresso de linguística. Ele, protagonista-narrador do conto, descreve seus truques de esperteza para manter o *status* que conquistou à custa de uma farsa, protegida pelo fato de possuir um conhecimento inacessível à maioria. Além disso, também investe em duplicar suas pretensas habilidades, tratando de promovê-las, como no episódio em que faz publicar e circular um artigo acerca de si próprio, durante sua estada na Europa. Como bom discípulo da teoria do medalhão, Castelo põe em prática um de seus mandamentos: "Uma notícia traz outra: cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo".²⁰

O conteúdo crítico desse conto não é raro na obra de Lima Barreto. De uma forma geral, ilustra sua conhecida aversão ao culto ao "doutor" no Brasil de seu tempo, como também serve como comentário à sua eterna crítica à imprensa supérflua, pródiga em promover um grupo de pessoas de acordo com seus próprios interesses e sem quaisquer compromissos com a verdade. Muitas de suas obras, aliás, tocam nessas duas questões como temas principais. É o caso de *Numa e a ninfa* e *Recordações do escrivão*

²⁰ Idem, p. 334.

Isaiás Caminha, ou ainda do conto "O jornalista", mas de fato são temas recorrentes na maioria de seus trabalhos, incluindo crônicas e artigos de opinião, nos quais, como se vê a seguir, ele costumava ser bastante ácido:

Essa birra do "doutor" não é só minha, mas poucos têm a coragem de manifestá-la. Ninguém se anima a dizer que eles não têm direitos a prerrogativas e isenções porque a maioria deles é de ignorantes. E que só os sábios, os estudiosos, doutores ou não, é que merecem as atenções que vão em geral para os cretinos, cheios de anéis e empáfia.²¹

A denúncia de Lima Barreto contra os privilégios oferecidos aos detentores de títulos universitários quase sempre vem carregada de uma mágoa perceptível, mesmo ao leitor mais desatento. Por isso, aos críticos que buscam explicações em sua conturbada biografia, resta sempre a suspeita de que algumas de suas ideias sejam deturpadas pelo despeito, pela infelicidade de ele próprio não ter conseguido concluir os estudos a que um dia teve acesso. Por outro lado, também é fácil deduzir que muitos de seus artigos, ainda os mais fundamentados, não eram caros a pessoas importantes que, vindo a si mesmas como alvo de tal crítica, menos abririam as portas ao escritor, numa sociedade acostumada ao binômio bajuladores e pistolões.

Para Sevcenko, a investida de Lima Barreto contra a imprensa, já em seu primeiro livro publicado (*Recordações do escrivão Isaiás Caminha*), era parte de um projeto literário deliberado, não mero ressentimento de alguém que teria sido rejeitado por esse grupo:

O desígnio maior de sua obra parece ter sido exatamente esse de desvendar o jogo de desmaracamentos que envolvia por completo tanto o âmbito político quanto a cena literária brasileira. [...] O escritor, em suma, fez a mais contundente crítica às instituições ocas, com que se travestia o regime de autoritarismo, conluios secretos, brutalidade e segregação social e étnica, conhecido com a Primeira República.²²

²¹ BARRETO, Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 40.

²² SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto: a consciência sob assédio. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Edições Unesco, 1997. p. 319-320.

A forma cômica com que a crítica se apresenta no conto aqui analisado e as vestes metafóricas do falso professor de javanês, por sua vez, convidam a uma reflexão mais direta e contundente sobre o seu ponto de vista tantas vezes demonstrado e a uma comparação inevitável aos fatos que cotidianamente ocorriam no Rio de Janeiro, ou no Brasil, de então. Sem se referir a esta ou a aquela personalidade nominalmente, Lima aborda a mentalidade geral que dominava repartições de governo, instâncias burocráticas, imprensa e mesmo os seletos grupos intelectuais.

Ao lado do Castelo do conto, há outros lendários personagens, como por exemplo o russo Dr. Bogaloff. O tom caricatural de tais personagens tinha por trás uma análise sensata, que joga por terra a ideia simplista de que sua crítica reflete tão somente uma mágoa pessoal contra muitos de seus antigos colegas de Politécnica que se tornaram figuras de prestígio na sociedade carioca. Lima Barreto, na realidade, demonstra ter uma visão mais ampla desses problemas. A propósito dos estabelecimentos de ensino universitário no Brasil, por exemplo, diz:

[S]ão verdadeiras oficinas de enobrecimento, para dar títulos, pergaminhos – como o povo chama os seus diplomas, o que lhes vai a calhar – aos bem nascidos pela fortuna ou pela posição dos pais. [...] Armados com as tais cartas, os jovens doutores podem se encher de várias prosápias e afastar concorrentes mais capazes.²³

A crítica de Lima Barreto insistentemente chama a atenção para denominações errôneas, que constroem celebridades sem conteúdo ou base. A aversão aos títulos estende-se ainda à mania de chamar aos médicos ou engenheiros de cientistas. Segundo ele, esses profissionais são práticos de ofícios que se valem de dados de "tais ou quais ciências", o que não significa absolutamente que sejam cientistas, algo muito diverso.²⁴ O fato é que como pouco se sabia sobre o verdadeiro trabalho científico, um grupo poderia se apropriar do termo e do prestígio a ele associado, tanto quanto o fez Castelo com o idioma javanês.

²³ BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 236.

²⁴ Idem, p. 238.

Uma leitura comparativa dos dois contos

Há um considerável espaço de tempo entre as publicações dos contos. "Teoria do medalhão" saiu em livro em 1882, enquanto "O homem que sabia javanês" foi publicado em 1911. Obviamente, isso implica em diferenças de contexto histórico. Mas, aparentemente, apesar das muitas mudanças anunciadas pela República, o novo regime teria herdado alguns "vícios" do Império. Portanto, o tempo não inviabiliza uma leitura crítica dos contos, sob uma lógica similar.

O arrivismo, que mereceu atenções de ambos os escritores, tinha seus próprios métodos e dinâmicas, mas os chamados "homens novos", que assumiam o poder sob a égide republicana, trataram de manter valores da elite monárquica. Entre eles, sem dúvida, permaneceram em alta as relações de favor, das quais trata Roberto Schwarz em seu famoso artigo "Ideias fora do lugar". Segundo um esquema apresentado por Schwarz, a colonização produziu três classes, com base no monopólio da terra. Eram elas representadas pelo latifundiário, o escravo e o "homem livre", na verdade dependente. Uma vez que o relacionamento entre a classe de latifundiários e a de escravos é muito clara,²⁵ para o autor é interessante analisar a relação que se travava "internamente" na categoria dos "homens livres".²⁶ Nasce desse tipo de relação o mecanismo que Schwarz classifica de *favor* e no qual ele inclui a vida ideológica do período, que aqui chamarei de Segundo Império, que se relaciona mais diretamente ao período escravista, em geral, mas o qual sobrevive depois de finda a escravidão. Diz ele:

[O]favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressaltada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte, etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção européia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele.²⁷

²⁵ Contesto a simplicidade dessas relações, mas prefiro abster-me de discuti-la nesse artigo por questões de espaço e para não fugir ao propósito do texto.

²⁶ SCHWARZ, Ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 15-16.

²⁷ Idem, p. 16.

De forma mais fiel ou mais caricatural, representações desses "homens livres" povoam a ficção de ambos os autores, eles próprios tributários do "favor" como prática social. Sobretudo eles descrevem e denunciam os meandros da dinâmica que rege a busca de ascensão social e prestígio ou, no caso dos chamados agregados, a simples sobrevivência. Os contos abordados neste ensaio, particularmente, são exemplos significativos de como tal dinâmica estava intrinsecamente ligada ao cotidiano carioca. Enquanto o pai do conto "Teoria do medalhão" instrui o filho a como se locomover com sucesso no labirinto de interesses e valores imposto por tal visão social, o bonachão Castelo, de Lima Barreto, gaba-se de sua eficiência em lidar com essa estrutura.

Como nos lembra Schwarz, embora o Brasil não pudesse descartar as ideias liberais vindas da Europa, num momento em que se buscava exatamente a inserção do país no modelo de modernidade europeu, essas mesmas ideias também não podiam ser aplicadas à vida nacional, uma vez que contrariavam a estrutura socioeconômica do país. Segundo ele, tais ideias: "Foram postas numa constelação especial, uma constelação prática, a qual formou sistema e não deixaria de afetá-las. Por isso, pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira".²⁸

As artimanhas recomendadas pelo pai do jovem bacharel para que o filho possa brilhar como "medalhão" certamente fazem parte desse movimento do qual fala Schwarz. As aproximações parecem ainda mais verossímeis ao pensarmos na advertência do pai em relação ao perigo das ideias e à sua insistência sobre a necessidade de se proferir discursos que não obriguem a "pensar e descobrir".

Da mesma forma, o falso academicismo do professor de javanês, como fator de manipulação, figura como parte do mesmo sistema descrito por Schwarz e evidente no conto de Machado. A diferença talvez esteja na ótica adotada por cada escritor. Afinal, são muitos os possíveis pontos de vista que podem ser adotados como comentário de relações tão múltiplas. Nesse sentido, defende Antonio Arnoni Prado, no conto em questão Lima Barreto dá ao seu inconformismo "um tom de ressentimento cínico e violência improvisada, próxima da acusação e do libelo".²⁹ Na leitura de Prado:

²⁸ SCHWARZ, Roberto. Ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 26.

²⁹ PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto – o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976. p. 43.

Ao disparate de situações que valorizam o *nonsense* e o impacto de nomes e coisas exóticas [...] corresponde a visão armada que surpreende o falseamento em cadeia da ordem vigente. No conto, saber javanês opera como sucedâneo na ideologia acadêmica...³⁰

Em ambos os argumentos, os autores tratam da questão da linguagem ornamental como fator importante no movimento de falsear as ideias ditas liberais. Ao mesmo tempo, revelam, sob discursos absurdos, as regras, atitudes e etiqueta de uma sociedade essencialmente anacrônica. A reflexão mais profunda levaria a perceber a inviabilidade das ideias em terras tupiniquins. Como diz o pai em "Teoria do medalhão", há temas que devem ser abordados no que têm de mais superficial: "[...] 'Filosofia da História', por exemplo, é uma locução que debes empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc, etc."³¹

Por outro lado, também é de se ressaltar no conto de Lima Barreto, já num período pós-Império, em plena Primeira República, a convivência dos novos "aventureiros do poder" com a imagem da nobreza, das antigas classes privilegiadas. Nesse sentido, é simbólica uma passagem de "O homem que sabia javanês". Quando Castelo chega à casa de seu potencial aluno de javanês, nota a decadência da propriedade e arrisca:

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas.³²

Há outros indícios no texto reveladores da consciência de Lima Barreto quanto à derrocada de um grupo e à ascensão de outro. Ele revela, sobretudo, uma crítica à relação de conveniência criada entre os dois grupos. Logo, por exemplo, ficamos

³⁰ Idem.

³¹ ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, cit., p. 337.

³² BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. In: _____. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Mérito, 1948. p. 246.

sabendo que grupo social representa o aluno de javanês: "O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou".³³ Ainda que no momento em que Castelo negocia suas aulas, o leitor saiba que ele é um pobre diabo, dissimulando, enganando o velho barão para sua própria vantagem, o falso professor representa um grupo que substituirá o de seu nobre aluno. E o fará não por títulos herdados nem por qualquer talento real, mas tão somente por sua "habilidade" em mover-se pela ética (ou pela falta desta) numa "nova" ordem de valores. Embora impressionado pela estética da tradição representada pelos remanescentes do Império, Castelo, como o grupo que representa, se deixa atrair por outros valores.

Na sala havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...³⁴

No entanto, como o autor ironicamente nos deixa entrever, mesmo o "moderno" pragmatismo representado pelos "homens novos" não está imune ao velho estilo romanesco e ao ornamento pretensamente poético que tão bem cabia ao medalhão do Segundo Império.

Como nos lembra Sevcenko, em Lima Barreto prevaleceu sobre a estética da palavra, a ética da palavra, num ambiente no qual "Os espaços sociais e posições hierárquicas eram assim cobiçados, conquistados e mantidos através de rituais de caráter eminentemente discursivo".³⁵ Com seu falso professor de javanês, Lima Barreto desconstrói a lógica do medalhão. Com um narrador que descreve, na primeira pessoa,

³³ Idem, p. 248

³⁴ Idem, p. 246.

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. Lima Barreto, a consciência sob assédio. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, cit., p. 324.

como manipula seu falso conhecimento e tira vantagem da ignorância generalizada que lhe permite florescer, o escritor de certa forma se irmana à denúncia machadiana e faz de Castelo um semelhante de Brás Cubas.

No conto de Lima Barreto fica claro que a oposição entre o velho barão e o esperto "professor de javanês" não resulta em nenhuma ruptura nas relações entre o poder e as classes oprimidas, que jamais teriam, como Castelo, a oportunidade de ascender socialmente com base na dissimulação de um conhecimento. Menos ainda poderiam se valer da posterior manipulação que a ele se faz possível justamente por deter o conhecimento dos códigos sociais que marcaram seu tempo (e que como bem prova Machado não eram, tampouco, estranhos ao período imperial).

O "problema da identidade" já foi apontado por Candido como um dos mais fundamentais da obra machadiana e foi tema de importantes reflexões também na obra de Lima Barreto. Ambos discorrem crítica e ironicamente sobre a ordem subentendida muito bem resumida em outro conto de Machado de Assis: "O segredo do bonzo" (como "Teoria do medalhão" texto coligido em *Papéis avulsos*, de 1882). O bonzo, no conto apropriadamente chamado Pomada, tem uma teoria que resulta de uma simples reflexão: "[E]ntendi que se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente".³⁶

Como a retórica de Pomada, os dois contos aqui analisados estão impregnados do pensamento finissecular brasileiro. Enquanto o medalhão busca simular a impressão que deve causar sobre seu círculo social e dentro do qual só poderá vencer se assim proceder, Castelo é o retrato de alguém que fez de si próprio um tipo acabado de medalhão da Primeira República. Os dois contos empreendem uma tentativa de desmascarar os mecanismos de funcionamento dessa situação estabelecida como padrão social. Para prazer do leitor, e especulação dos críticos, uma tentativa que cada um realiza a seu particularíssimo estilo.

³⁶ ASSIS, Machado de. *Contos*: uma antologia, cit., p. 365.

Selma Vital
Washington University in Saint Louis – MO

Selma Vital é Leitora de Português da Washington University in Sain Louis, nos Estados Unidos. Doutorou-se com a tese "Machado de Assis: preto de alma branca? Questões étnico-raciais no universo do conto machadiano" pela University of Illinois at Urbana-Champaign, em 2008. No presente, inicia novo projeto de pesquisa, com bolsa concedida pelo David Rockefeller Center for Latin American Studies. Desta vez, investiga as relações entre o leitorado feminino e os escritores e seu papel na produção literária do *fin de siècle* brasileiro.